LAGOA DO OURO E A TRADIÇÃO DA PEGA DE BOI NO MATO

Jairo de Lucena Gonçalves[1]

RESUMO: O presente artigo nasce do estudo elaborado para obtenção do título de mestre em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Um escrito resultante basicamente do trabalho de campo, das entrevistas referentes aos relatos de memórias, seguindo os ensinamentos das pesquisadoras Guimarães Neto (2006) e Alberrti (2005), através das entrevistas dos protagonistas, Coló Brasil, Mauro Rocha, Clovis Rocha e Nilton de Dodó. Onde será destacada a importância da História e do cotidiano dos vaqueiros no município de Lagoa do Ouro- PE. Fazendo um diálogo com estudos acadêmicos feitos por Marc Bloch (2002) e Dosse ((2012) quando pensamos em História e sua relação com o tempo presente. Cascudo (1976), Dourado (2013), Medrado (2012), Pereira (2016), Felix; Alencar (2011), e Zuim (2014). Com suas pesquisas voltadas para as análises socioculturais no meio rural. Desta maneira podemos descrever a representação cultural e histórica dos homens e da pega de boi no mato (vaquejada) nessa espacialidade.
PALAVRAS- CHAVE: Lagoa do Ouro. Vaqueiro. Pega de boi no mato.

PRIMEIRAS DISCUSÕES

Segundo o folclorista Luiz da Câmara Cascudo (1976), a vaquejada teve origem em terras europeias, precisamente, na Península Ibérica; (território que compreende Portugal e Espanha). Ela é um ato que tem como característica primordial a ação de derrubar os animais (bovinos) em um movimento de puxão na calda. Essa prática teria sido trazida pelos colonizadores em meados do século XVI; e se espalhado nos sertões brasileiros, em especial o Nordeste, com o advento da pecuária.

Não nos prenderemos em explicar os mitos de origem, já que nossa pesquisa se situa basicamente na segunda metade do século XX e, como destacou o historiador Marc Bloch, a obsessão pela origem só serve a uma ideia de história amparada na linearidade e na perspectiva do progresso. Desse modo, importante é salientar que a festa de vaquejada, em sua origem, não consistia apenas as corridas em pistas como

[1] Mestre em História, Cultura e Memórias Municipais PPGH-UNICAP. E-mail: jairolucena02@hotmail.com

conhecemos hoje[2]. A vaquejada compunha todas as partes das práticas de trabalho. Desde a captura dos animais na caatinga até a separação de animais (apartação) e as corridas nos pátios das fazendas, as quais são popularmente conhecidas (pelos mais velhos) por corridas de mourão. Cabe destacar, no entanto, que não vamos entrar no mérito de discutir essas modificações, pois iremos no ater apenas nas práticas ligadas a pega de boi no mato, fazendo uma reflexão sobre o que os vaqueiros percebem em comparação com as "vaquejadas" da atualidade.

Para a socióloga Simone Pereira da Costa Dourado (2013) as práticas de trabalho no campo passaram por uma transformação significativas no século XX, fazendo com que postos de serviços que antes existiam deixem de ser necessários. No município de Lagoa do Ouro, nós também encontramos esse fenômeno de modificação socioeconômico, graças a modificação do espaço geográfico; o que foi acarretado pela devastação da vegetação nativa e a substituição por pastagens da família do braquiária, em especial. Deste modo, a presença cada vez mais comum de pastagens, ao invés de vegetações densas nas propriedades, resultou em um aumento do nível de docilidade dos animais, um manejo mais fácil e cada vez menos dependente da participação dos vaqueiros encourados. Sobre essas questões, indagamos o vaqueiro Clodoaldo Brasil (Coló Brasil), o qual nos relatou

> Óia Jairo, não é nem 50 (cinquenta), vamos butar assim a 30 (trinta) anos atrás realmente existia o vaqueiro e ele trabalhava nas fazendo e toda fazenta tinha, não 1 (um), mas 2 (dois), 3 (três) vaqueiros empregados lá pra cuidar do gado, porque o gado era criado a campo no mato então era necessário o vaqueiro, hoje não porque é criado na campineira como a gente chama aqui, em pastos plantados e uma pessoa só faz o serviço de 5 (cinco) tá entendendo? O gado é criado no limpo, fica manso no manejo, uma pessoa só maneja e faz todo o serviço, bota no curral, hoje tem o tronco, bota no tronco, bota no breque sozinho, vai lá, faz vacina ele mocha o animal, ele faz tudo, naquele tempo não.... Naquele tempo nóis tinha que correr atrás dele lá no mato pega-lo, trazer para o curral, não existia tronco era amarrado no mourão pra poder a gente fazer o serviço, está entendendo? Ai essa hoje... isso hoje é que tirou muito o trabalho

[2] Por opção, não iremos nos prender nas questões ligadas as corridas de mourão (vaquejadas urbanas). O que será feito são algumas pontuações entre suas diferenças.

> daqueles que viviam do campo. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16 de julho de 2018).

O relato de memória feito por Coló demonstra o papel dos antigos vaqueiros em Lagoa do Ouro na segunda metade do século XX, como esse grupo se fazia necessário nas atividades pecuaristas. Utilizando a descrição do vaqueiro, podemos caracterizar o espaço de criação de tempos atrás como uma área de extrema rusticidades, o que era encontrado tanto em homens quanto em animais. O tratamento de uma bicheira ou de uma doença de casco que nos tempos de hoje é feita de maneira simples, antes poderia durar dias e demandar mão-de-obra de vários homens. Um instrumento que pode servir de exemplo e que vem facilitando a vida dos vaqueiros e pequenos criadores são os troncos. os quais dispensam um número significativo de trabalhadores no trato cotidiano dos animais. Dois vaqueiros conseguem conduzir o trabalho sem muitos problemas. Nessas estruturas, coloca-se os animais no corredor (por traz da porteira vermelha) com o intuito que fiquem enfileirados e com pouco espaço para se movimentar. Essa contenção menos traumática (no ponto de vista de sanidade animal) colabora para a rapidez e na obtenção de melhores resultados.

Percebemos que o advento das novas práticas de trabalho modifica não somente o espaço urbano, o meio rural também é influenciado, criando, com isso, novos processos de produção, seja na agricultura ou na pecuária. E, na maioria das vezes, essas modificações resultam em uma maior produtividade. Em contrapartida, existe também uma diminuição do quantitativo humano necessário para desempenhar essas funções, pois temos que salientar que não somente de vaqueiros se mentiam as fazendas. Segundo a historiadora Joana Medrado *(*2012), o vaqueiro era peça fundamental para o andamento das atividades nas propriedades, pois ele representava os demais trabalhadores quando estava junto ao proprietário das terras e também representava o fazendeiro perante os outros trabalhadores, caracterizando, assim, uma relação muito próxima dos dois mundos. A vaquejada era um acontecimento que propiciava a comunhão entre essas duas realidades.

Destacamos que a vaquejada, com a função de trabalho nas propriedades rurais de Lagoa do Ouro, vem se tornando cada vez mais rara, cabendo aos vaqueiros desse município buscarem outras alternativas para treinarem suas habilidades. As chamadas pegas de boi no mato reúnem vários homens que buscam se afirmar como heróis dos sertões. É sobre isso que iremos explanar a partir de agora.

Quando se discute sobre o papel do vaqueiro no âmbito cultural e do trabalho, se cria um cenário de saudosismo; como se eles estivessem em processo de extinção. O estudo feito pelo antropólogo Renan Martins Pereira (2016) sobre as pegas de boi no mato, demonstra que, na contemporaneidade, existe um número considerável de pessoas envolvidas com essa atividade.

Podemos destacar que o grupo lagoadoourense de vaqueiros encourados (vaqueiros que usam o gibão) é consideravelmente grande, quando comparamos a-com outros municípios circunvizinhos, tal como podemos perceber nas falas do relato oral do vaqueiro Coló Brasil:

> Bom, aqui nós somos uma equipe de 16 (dezesseis) vaqueiros que é o que comporta o caminha que a gente vai pras pegas de boi [...]como eu lhe disse, ai um diz isso... Já teve alguns casos de uns que faleceu e tal e a gente vai substituindo esses por um jovem que sempre estão ai pedindo: "Olha, se surgir a oportunidade quero participar" e tal. A gente vai dando a oportunidade a esses jovens e vai carregando eles pras festas e dando algumas orientações como deve proceder tanto no campo como aonde a gente chega nas festas né? No comportamento e em tudo[...]. Quase todos os municípios Jairo, mas, assim por exemplo, os que andam mais que... Tem Quebrangulo que é no Estado de Alagoas, mas é o nosso [...]. É maior por que.... Outros municípios por ai viaja de F 4000, ai só leva o que? 8 (oito) cavalos... Ai numa mercedinha leva 10 (dez), a gente aqui é 16 (dezesseis) ... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Temos que salientar que nos sentimos muito surpreendidos com as palavras do vaqueiro. Acreditávamos que encontraríamos um número reduzido de vaqueiros envolvidos com a pega de boi no mato. O mais surpreendente foi o interesse que os jovens apresentam em participar desse grupo. Coló é visto como um professor, incentivador da cultura vaqueira, é muito respeitado, admirado e lembrando pelos

integrantes do grupo. Ele é o líder que cuida dos vaqueiros dentro da caatinga e fora dela. (As festas maiores costumam se prolongar para a noite e o lema é primar pelo respeito sempre). Coló é um homem de semblante tranquilo, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 1: Vaqueiro Coló Brasil



Fonte: acervo pessoal do autor (2018)

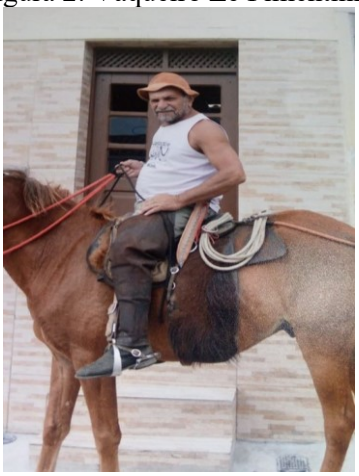
Dentre os entrevistados, o mais relutante em relação à fotografia foi Coló Brasil, ele fez questão de ser fotografado junto dos seus dois cavalos de pega de boi no mato, além disso, nos mostrou com muito orgulho as instalações que servem para alimentar os animais. Ele nos fez uma descrição muito técnica sobre quais tipos de cavalos são mais adaptados para a pega de boi. Sobre o papel de Coló na contemporaneidade, Jurandir[3] relata: "Coló tá formando um grupozinho de vaqueiro novo também agora tem uns quatro ou cinco menino ai menino de 16 ano, 17 ano que ele tá arrastando pra Caatinga...". O discurso de renovação[4] foi muito nítido nos momentos das entrevistas em um momento bem delicado. Pois um dos vaqueiros mais antigos do grupo, Zé Pimenta, tinha falecido na semana da entrevista. Sobre o assunto, Coló Brasil se expressou destacando:

[3] Entrevista feita com Jurandir Teles de Carvalho, Lagoa do Ouro- PE,12 de julho de 2018).
[4] Entre os entrevistados encontrávamos os que são otimistas, que acreditam que o vaqueiro não irá desaparecer, e aqueles que vivem à espera da chegada do apocalipse da modernidade que varrerá os vaqueiros da sociedade.

> Óia Jairo, o Zé Pimentinha como a gente o chamava carinhosamente é um dos que... Começaram, comecemos juntos, como o saudoso Zé de Chico que nos deixou também fomos praticamente os fundadores desse grupo do Gibão, tá entendo? É... Era um dos participantes mais antigos e já tava até montando pouco, mas inclusive agora quando ele faleceu ele tinha transformado, tinha reformado, tinha levado o couro dele para Alagoas, tinha mandado reformar, o cavalo dele estava muito velho, ele tinha comprado um cavalo novo... Ele morreu na quinta feira né? E nóis já tava tudo certinho pra no domingo ir pra o mato pra ele estrear o cavalo dele, ia só passar os cavalos, mas agente já tava com um bodinho preparado pra gente fazer uma festinha lá, fazer uma farrazinha e ele ia estrear o cavalo dele no mato, mas infelizmente ele veio a falecer, isso ficou só no projeto, na lembrança da gente... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Quando decidimos utilizar a metodologia de História Oral, já acreditávamos que seriamos surpreendidos com questões onde presente e o passado estariam entrelaçados por uma linha muito tênue, nesse sentido, o relato de Coló Brasil é um misto de memórias de um passado mais distante, em que antigos personagens são apresentados e memórias recentes, repletas de desejos de experiências planejadas, mas, que nunca poderão ser de fato vivenciadas, fazem dessa vontade de viver o impossível, um instrumento de construções de narrativas de memórias. Na fotografia em destaque, está o saudoso Zé Pimentinha (61 anos, falecido em 2018), o qual ganhou o codinome por ser muito aguerrido e não ter medo de entrar no mato fechado para capturar os animais.

Figura 2: Vaqueiro Zé Pimentinha



Fonte: acervo pessoal de Paula Machado (2018)

Podemos encontrar, nele, as indumentárias principais da veste do vaqueiro de pega de boi no mato. Botas, espora perneira que integra o gibão (faltou o guarda peito e o casaco de couro que é chamado de gibão também), no cavalo, por sua vez, são usados duas peças de couro, o forro primeira peça, sobreposta a ela vem a manta curta[5] feita com couro de bode, o rabicho que tem a função de não deixar a cela virar em momentos nos quais o vaqueiro precisa fazer alguns movimentos. Além disso, há o facão usado para cortar as vegetações e os arames de velhas cercas; a corda de laçar para conduzir os animais. Na pega de boi no mato, o destaque fica para aqueles que de fato se embrenharem no mato para pegar os bovinos. Um corte no rosto ou um rasgo no gibão é visto como símbolo de coragem, determinação e habilidade.

A PEGA DE BOI NO MATO: NA CONCEPÇÃO DOS PRÓPRIOS VAQUEIROS

Encontramos muitos artigos que se debruçam em analisar as vaquejadas, o tipo de festividade que ocorre nas áreas urbanas ou no seu entorno. No entanto, poucos trabalhos são encontrados sobre as festividades menores, a pega de boi no mato, a qual continua sendo um tema desafiante, pois as referências escassas nos levaram há uma caçada de explicações e entendimentos.

Uma publicação de 28 de junho de 2008 em um jornal cearense nos fizeram refletir sobre a construção de um discurso sobre as festividades dos vaqueiros encourados:

> Missão Velha. Uma "pega de boi" dentro do mato fechado, por cima de pau e pedra, descendo e subindo tabuleiro e enfrentando grotões com risco de morte. Este é o mais novo esporte que vem sendo praticado na zona rural do Cariri, uma versão atualizada das festas de apartação de antigamente e uma resposta contra vaquejadas que marginalizam os tradicionais vaqueiros do sertão.

[5] A manta tem dupla função: serve para proteger o lombo do animal e também estético, pois é visto como um adereço que traz uma beleza para o animal. Existem muitos modelos de mantas com pelos de muitos comprimentos, as mais longas são usadas para passeios, as curtas são usadas no trabalho com o gado no mato, pois elas não enroscam na vegetação.

> "Na pega do boi só participa que tem coragem de entrar no mato fechado, na ´unha-de-gato´, tendo a sorte como companheira e Deus como testemunho", diz o vaqueiro Damião das Neves Pereira, organizador do evento, acrescentando que estes profissionais de vaquejadas, acostumados a correr em cavalo de raça com pista de terra, não aparecem nesse tipo de competição rural.

As palavras do vaqueiro cearense Damião têm muito impacto, e nos revela um fato curioso sobre eles: os vaqueiros da atualidade descendem dos antigos, mas, como os filhos de um mesmo pai, por questões adversas, seguem caminhos diferentes. A corrida de mourão vai se tornando cada vez mais sinônimo de luxo, já que encantou os filhos dos fazendeiros, como destacou Cascudo (1976). Como os vaqueiros do gibão percebem essa realidade? Essas diferenças culturais? Não podemos negar que exista uma disparidade entre esses dois mundos. E, em momento algum, defendemos um discurso de legitimação de um lado em relação ao outro, pois não é papel do historiador julgar os fatos, como enfatizou Bloch (2002). O que se objetiva é poder criar meios para que os vaqueiros encourados também possam se expressar. Não é a questão de quem é mais vaqueiro, que explanaremos. Iremos demonstrar as maneiras diferentes de práticas da mesma expressão cultural. Nesse sentido, quem nos relata sua concepção sobre a pega de boi no mato, primeiramente, é o experiente vaqueiro Mauro Rocha. Ele destaca:

> Os vaqueiro melhor da região era no município de Bom Conselho, ai criou outros vaqueirinho por ai, era tudo vaqueirinho fraco, ai por ai criou-se muito, ai que surgiu... Eu e Zé de Chico falecido, Zé de Chico, mandou fazer um terno de couro e dizia: "Mauro Rocha, faz um terno de couro, compra um terno de couro", ai eu me bati, me bati, fui pra Cachoeirinha mais ele, cheguei lá não me agradei, ai Cesarinho foi e disse; "Mauro Rocha, eu tenho um terno de couro de chuteira amarela forrado, eu lhe vendo", ai eu fui, tratei com ele, quando eu cheguei lá comprei o terno de couro e eis que tá ai, ai nóis inventemo de correr boi, nóis ia pra Caldeirão, nóis ia pra Lagoa de Midio, nóis ia pra Garanhuns, Nóis ia ali pro Jacaré, agora nunca chegou perto dos vaqueiro primeiro, mas fazia um teste que era vaqueiro, ai nóis ia pra Caldeirão, ia Coló Brasil, ia Carlinho Torre, ia Zé Cisso, eu, Zé de Chico, Luiz Paulino, nóis chegava lá se ajuntava mais Cisso Ganso, com Edivaldo, com bia[...] ai corria lá o boi, os menino ia de caminhão eu, Zé de Chico e Luiz Paulino ia a Cavalo, nóis ia aqui pro dentro, ai fomo diversas vezes Jairo correr esse boi...(Entrevista

> realizada com Mauro Rocha Wanderley Lagoa do Ouro em 19/07/2018).

Mauro Rocha é um bom contador de histórias. Para nos falar das pegas de boi. terminou indo buscar antigos personagens. Percebemos também que em sua narrativa pode ser vista uma interação forte entre os vaqueiros das cidades circunvizinhas, o que reforça ainda mais a explanação de Coló Brasil.Caldeirões dos Guedes, que aparece na fala do colaborador, é um dos distritos do município de Bom Conselho- PE, local onde ocorrem pequenas festividades de pega de boi no período seco do ano (entre outubro e fevereiro), o que reúne diversos grupos de vaqueiros. Ainda sobre essa reunião de vaqueiros, Mauro continua:

> Óia Jairo, Surgiu Cesarinho de Brejão, Surgiu Mauro Góes irmão de Vardinho de Góes e surgiu outro minino dali da Rainha Izabé, mas era muito fraco ele só era muito fraco, mas tinha o nome de vaqueiro, que adepois que nois se aprevidemo de correr boi, ai eles foro e encostava nóis, mas era vaqueirinho muito fraco, todos eles era vaqueirinho muito fraco que nem nóis fumo correr um boi em Caldeirão, correr um boi de Jequi, quando cheguemo lá foi... dero massada, massada, massada, massada, quando vinhero bota os bois no carro pra correr era intardeceno, ai eu digo: "Ói Zé de Chico, dentro dessa Jurema preta ninguém não vai correr, vamos se nóis pega essa beira de cerca que ta uma picada ai quando o boi correu, não correu 5 (cinco) metro não, ai entro dentro da jurema di noite, ninguém não ia entrar pra não morrer estrepado, ai que nem tava Coló Brasil, tava Zé Cisso, tava Carlinho Torres, todos eles... (Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 1907/2018).

Mauro Rocha narra os dois percalços que podem ser encontrados nas pegas de boi no mato, nesse sentido, o que se observa na fala do entrevistado é que só se pode capturar boi de dia, pois ao escurecer a vegetação pode se tornar uma grande armadilha para vaqueiros e cavalos.

As falas dos entrevistados nos fizeram tentar entender como os vaqueiros se organizavam e interagiam na pega de boi no mato. Uma reunião de tantos homens não pode ser idealizada de maneira desconectada. Sobre os preparativos das festas, quem nos detalha é Coló Brasil, pois sempre foi envolvido com essa prática.Podemos dizer que cada grupo de vaqueiro tem uma integrante que exerce o papel de "diplomata". Em

Lagoa do Ouro, o vaqueiro que possui essa função é ele. Coló. A primeira coisa que Coló busca fazer, em seu relato, é explicar a diferença entre a pega de boi no mato e a corrida de mourão (vaquejada):

> Ói jairo, corrida de Mourão ela é urbana né, porque não é feita em fazenda e sim nas cidades nas pistas de Mourão e a pega de boi é feita lá, lá no campo no mato, na fazenda, no mato fechado mesmo onde tem o gado brabo. É a diferença entre ume outro e nos seus é... Valores de premiações que ai onde está a diferença, enquanto o cara corre atrás de um prêmio de um carro as vezes nóis corre valendo um garrote, uma nuvilha... (risos) Por exemplo, você vê prás festas de corrida de mourão aonde se apresentam em bons cavalos né, cavalos de raça, as festas caras, mas tem uma premiação que chama a atenção de quem participa dessas festa, é uma disputa acirrada e as nossas é a cultura simples do homem pobre do campo... (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

A identidade capitalista presente nas corridas de mourão não é encontrada nas festas de pega de boi no mato, segundo o ponto de vista do entrevistado, sendo esta uma festa muito mais acessível para aqueles que dispõem de poucas condições financeiras. Segundo Felix e Alencar (2013), a pega de boi no mato e a corrida de mourão vão se distanciando ainda mais a partir de 1990, quando a última começa a ser encarada como um evento esportivo, em contrapartida, a primeira se manteve ligada as habilidades necessárias para o trabalho. Ainda nos utilizando das palavras dos pesquisadores quando estes fazem uma descrição do espaço físico das corridas de mourão atuais, destacamos:

> A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade. Percebemos então que as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um grande empresário. Outra mudança está na forma dos pagamentos, que antes eram “um quarto da produção a cada cinco anos”, hoje o prêmio das vaquejadas são divididos entre o vaqueiro e seu patrão (FELIX; ALENCAR, 2011, p.09)

No transcorrer da pesquisa, percebemos esse caminho de diferenças que separa o mundo da vaqueja, e acreditamos que apenas utilizando a metodologia de pesquisa de História Tempo Presente poderíamos entender essas realidades que nos foram apresentadas. “A história do tempo presente está na intersecção do presente e da longa duração. Esta coloca o problema de se saber como o presente é construído no tempo...” (DOSSE,2012, p.06). Para o historiador, todas as pesquisas são contemporâneas, pois o pesquisador faz suas indagações a partir do presente.

Na pega de boi no mato, a vestimenta do vaqueiro é um elemento bastante característico, então buscamos saber quem confeccionava as vestimentas dos vaqueiros de Lagoa do Ouro. A resposta impressiona, pois, o artesão que era responsável pela confecção dos utensílios de couro e do preço dos gibões na atualidade, como detalha Nilton Dodó no relato a seguir.

> Olha, o maior fabricante já faleceu que foi o Moisés. Eu acho que já deve estar com uns 20 anos. só quando vem das fabrica de fora, de Caruaru, de Cachoeirinha que aparece, ou Garanhuns mesmo que vem o terno de couro. Ai quando chega aqui é muito caro. Se você for comprar um terno de couro hoje você vai gastar 1500 ou dois mil reais. E ai quando tinha o artesão que fazia aqui era muito mais barato. Quando tinha o Corijó que curtia o couro. Eu conheci o Corijó grande curtidor de couro, de bode, de carneiro, de tudo, não tinha outro melhor. Trabalhou para o o velho Dodó, o seu serviço perfeito, o seu trabalho bem feito, ajeitando a corriola, cruza o couro, corta a sola, couro, gibão, guarda peito. (Entrevista realizada com Nilton Dodó, Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018).

Nilton faz uma descrição sobre dois personagens que já faleceram há algumas décadas, sendo eles Corijó e Moisés que eram “engrenagens” de uma mesma produção. O primeiro trabalhava comprando o couro dos animais que eram abatidos para a alimentação local. Essas peles eram tratadas por Carijó com extratos de plantas e sacados ao sol para depois serem usadas por Moisés para confeccionar as vestimentas. O desaparecimento desses dois personagens fez o preço das peças usadas pelos vaqueiros ficarem muito caras e muitas vezes inacessíveis. No decorrer da pesquis,a não encontramos fotografia de Corijó, que residia no município de Bom Conselho, no entanto, podemos ver uma fotografia de Moisés:

Figura 3: Fotografia 27 - Moisés sapateiro



Fonte: acervo pessoal de Irenita Morais Santiago. (1997)

Moisés foi um senhor de sorriso fácil, contador de estórias mirabolantes, nas quais ele mesmo era o destaque. Além das vestimentas dos vaqueiros, ele confeccionava sapatos e sandálias, já que "o couro faz parte da tradição cultural e do cotidiano de milhares de nordestinos, sendo matéria-prima para o desenvolvimento de artefatos artesanais diversos" (ZUIM; et al, 2014, p.64). Ser o produtor das vestimentas de couro o tornou muito conhecido pela sociedade do município de Lagoa do Ouro.

Coló Brasil também relata as dificuldades atuais da não existência de um artesão que trabalhe na confecção dos produtos derivados do couro, trazendo gastos consideráveis para os vaqueiros (muito não tem condição de possuir um traje de couro):

> Encarece o produto, a gente tem que se deslocar também pra ir procurar lá onde vende e tudo isso é dispesa e quando aparece nas lojas aqui, por exemplo, nas cidades próximas aqui... Cachoeirinha, cidade onde se vende toda espécie de couro e arreio de animais é cachoeirinha, só que hoje cachoeirinha fabrica pouca coisa ela trás mais desses dois Estados que citei da Bahia e do Sergipe e você sabe né, frete e essas coisas tudo isso encarece no consumidor que somos nós, na hora de comprar a gente é quem paga tudo isso...] (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16 de julho de 2018).

A falta de artesões vem prejudicando há anos não apenas a obtenção de trajes novos, mas também a manutenção dos utensílios já usados pelos vaqueiros de Lagoa do Ouro, como detalha Coló (Entrevista realizada em 16 de junho de 2018): "a gente tem que ir buscar fora, por exemplo, eu aqui em Lagoa do Ouro para concertar, reformar, eu

faço isso numa cidade chamada Quebrangulo aqui do Estado de Alagoas". A fala do vaqueiro demonstra o quanto é demorado e dispendioso se manter o traje de couro, fazendo com que muitos não o possuam. Mais uma vez, Coló Brasil (2018) vem tentando sanar esse problema: "...um não tem a gente ajuda a gente faz aquela... Tá entendendo? Eu mesmo tenho meia dúzia de... Terno de couro que tem um menino que tem uns que não pode comprar eu [...] Empresto com fé em Deus. (risos)".

O terno de couro representa muito para os vaqueiros, é mais que uma vestimenta que os proteja dos galhos e espinhos nas horas de perseguição do gado. É um símbolo que os tornam diferentes perante os demais. Aqueles vaqueiros que porventura conseguem possuir uma ou mais vestimentas, teriam um espaço de notoriedade perante o grupo:

Figura 4: Mauro Rocha com sua indumentária de vaqueiro



Acervo pessoal do autor (2018)

Mauro Rocha, mesmo sendo um vaqueiro aposentado (como ele mesmo se denomina), não abre mão de manter seu terno de couro, nesse sentido, ele destaca: "depois que eu me aposentei pronto, só tem meu terno de couro que tá aí, não vendo,

nem empresto, nem dou (risos)".[6] O terno de couro integra a parte física da identidade cultural, mesmo não usando mais, mesmo não participando das pegas de boi, tê-lo em casa é a prova de que fez e faz parte do grupo, mesmo de maneira distante. Mauro Rocha não abre mão de seu título de vaqueiro e, entre os entrevistados, talvez seja o mais orgulhoso por sua trajetória de vitórias.

Ao buscarmos entender a importância do gibão para os vaqueiros, fomos apresentados a outros elementos da pega de boi tão importantes quanto a vestimenta do vaqueiro; dentre eles encontramos o búzio que será apresentado na fotografia:

Figura 5: Buzios



Fonte: acervo pessoal do autor (2017)

Búzio é um instrumento característico dos vaqueiros do Nordeste do Brasil. Diferentemente do berrante - mais utilizado na região central do Brasil - que tem som mais grave e baixo utilizado para guiar o gado, o Búzio é uma espécie de sinalizador, por isso tem som forte. É utilizado pelos próprios vaqueiros quando estão perseguindo um animal na caatinga. Desse modo, variações de sons podem ser feitas para sinalizar múltiplas situações (não estou vendo o animal; o animal está aqui venham; o animal já foi capturado). O búzio é feito de um único chifre, o que o torna ainda mais peculiar. Na imagem acima, aparecem dois exemplares, um feito de chifre de boi e outro de bode.

[6] Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley em 19/07/2018

No decorrer das entrevistas, pudemos conhecer mais sobre as representações culturais destes, sobre as realidades dos entrevistados. Nessas longas conversas foi possível analisar as características que diferenciam um cavalo de corrida de mourão e os da pega de boi no mato, pois dois dos entrevistados terminaram tocando nesse assunto de uma maneira muito natural; Clovis Rocha e Coló Brasil demonstram seus pontos de vistas cada um defendendo seu lugar de fala. O primeiro ligado a corrida de mourão mais profissional, o outro íntimo da pega de boi no mato com sua rusticidade característica; no que concerne aos animais, Clovis Rocha destacar as principais diferenças:

> O cavalo de vaquejada é um cavalo que só sabe mermo trabalhar em pista né, não sabe trabalhar no campo e o cavalo de campo são um cavalo treinado mais pro campo, pra vaquejada eles não sabe fazer o que os cavalo da vaquejada faz no campo não [...] o cavalo pequeno é o preferido pra pega de boi no mato e o cavalo grande pra vaquejada. o cavalo de vaquejada é mais o Piti Horse [...] cavalos melhores e o Quarto de Milha. (Entrevista feita com Clovis Rocha em lagoa do Ouro- PE, 22 de julho de 2018).

Clovis tenta criar espaços bem definidos, tentando dar a importância dos animais em cada uma das funções. Os cavalos da corrida de mourão precisam ser corpulentos e mais ágeis em um determinado tempo para poder acompanhar o boi pista. “Esses animais se caracterizam pela musculatura desenvolvida conseguindo explosão nas largadas e paradas bruscas, habilidade de girar sobre seu próprio eixo” (RODRIGUES NETO, 2017, p.11). Como pontua a zootecnista; o tamanho e a velocidade dos animais característicos das pistas são suas principais características, que, segundo nossos entrevistados, podem gerar problemas em uma perseguição em um espaço com vegetação mais densa, como afirmou Coló Brasil:

> Óia Jairo, nenhum cavalo desses que corre em pista serve pra o mato, corre no mato, porque ele foi preparado pra corrida de Mourão né? Então quando ele chega lá na vaquejada, na pega de boi no mato ele não sabe o que vai fazer, porque o cavalo que a gente faz ele lá no mato, ele sabe se desviar do mato, ele desvia dos pau pra gente não... Levar tanta pancada né? E o cavalo de Mourão não sabe fazer isso, não sabe mesmo. É totalmente diferente até por que o cavalo da gente

> é aquele que chama de "pé duro", aquele que nasce e se cria lá no campo, está entendendo? Não é um cavalo grande, é um cavalo de estatura média e o cavalo de mourão é sempre grande com uma conformação diferente dos nossos e o nosso também é mais resistente por que... O trabalho é mais pesado. (Entrevista feita com Coló Brasil, Lagoa do Ouro- PE, 16de julho de 2018).

Para tentar demonstrar o que seria o tal "cavalo pé duro", buscamos auxílio na obra do cronista e estudioso da vida rural José Alípio Goulart, no livro intitulado: *O cavalo na formação do Brasil (1964).* Nele, ele faz várias explanações sobre as diferentes raças de cavalos criadas no Brasil e suas adaptabilidades nos diferentes espaços geográficos do país. Logicamente que nós só iremos nos prender na análise sobre os cavalos encontrados no Nordeste e o que esses apresentam como fator que possibilite um melhor aproveitamento no trabalho em vegetações mais densas.

O interessante destacar, aqui, é que o autor usa o termo "sertanejo" e não "pé duro" para falar desses animais, destacando seu porte pequeno e capacidade de se movimentar nas vegetações mais espinhosas do Nordeste. Segundo ele, essa raça se adaptou muito bem nas regiões do Agreste, pois eram inteligentes e muito uteis na lida com o gado com a crescente atividade pecuarista que se desenvolverá na região. Nesse sentido, são animais resistente a fome e com cascos pequenos e muito resistentes, dispensando o uso de ferraduras, o que se faz essenciais em outras raças.

Logicamente que não estamos aqui fazendo um trabalho em Ciências Agrárias, no entanto, é preciso enfatizar que estamos analisando um grupo que teve no espaço agrário sua formação de identidade e de afirmação. Desse modo, faz-se necessário um olhar amplo para problematizar o passado e a representação desse no presente. Ao destacar a fala de Goulart sobre os cavalos do Agreste, não estamos buscando explicações para os mitos de origem. Estamos, de fato, buscando demonstrar que na década de 1960 foi feito um estudo demonstrando as peculiaridades dos animais na região Nordeste e em especial no Agreste.

Podemos destacar que um estudo como esse desafia ao historiador, que precisa muitas vezes "criar" suas fontes, pois elas não estão escritas em lugar nenhum. A História Cultural e a metodologia de História Oral nos oferece fundamentação para

compreender esse "novo mundo", Lagoa do Ouro continua tendo um dos maiores grupos de vaqueiros encourados do Agreste Meridional, indivíduos que não são iguais aos vaqueiros de outrora, no entanto, continuam a apresentar uma identidade, uma essência bastante similar. Cabendo aos pesquisadores e aos poderes públicos criarem artifícios para incentivar e divulgar essa expressão cultural tão característica do município.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BLOCH, Marc. **Apologia da história: ou o ofício de historiador**. Zahar, 2002.

BRASIL, Coló. *Entrevista realizada com Coló Brasil* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 16 de julho de 2018

CAATINGA TEM PEGA DE BOI, **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 28 de junho de 2008. Disponível: :<https://Diáriodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/caatinga-tem-pega-do-boi-1.122938> acesso em 24/10/2020

CARVALHO, Jurandir Teles de. *Entrevista realizada com Jurandir Teles de Carvalho* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e sua Origem**. Natal: Fundação José Augusto, 1976.

DODÓ, Nilton de. *Entrevista realizada com Nilton Dodó* [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 12 de julho de 2018.

DOSSE, François. HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE E HISTORIOGRAFIA HISTORY OF THE PRESENT TIME AND HISTORIOGRAPHY. Tempo e Argumento, 2012, 4.1: 05-22.

DOURADO, S. P. C. 2013**. O Rural como fronteira do urbano:** rodeios e vaquejadas nas interpretações do brasil. Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde da Unioeste, 1.

FELIX, Francisco Kennedy Leite; DE ALENCAR, Francisco Amaro Gomes. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. **Revista Geográfica de América Central**, 2011, 2.47E

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Cidades da mineração:** memória e práticas culturais: Mato Grosso na primeira metade do século XX Edufmt, 2006.

MEDRADO, Joana. Terra de vaqueiros: relações de trabalho e cultura no sertão da Bahia, 1880-1900. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

PEREIRA, Renan Martins. Dominação e confiança: vaqueiros e animais nas pegas de boi do sertão de Pernambuco. **Teoria & Cultura**, Juiz de Fora, v. 11, n. 2, p. 63-80, 2016.

ROCHA, Clovis. *Entrevista feita com Clovis Rocha*. [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 22 de julho de 2018.

WANDERLEY, Mauro Rocha. Entrevista realizada com Mauro Rocha Wanderley [Entrevista concedida a Jairo Gonçalves]. Lagoa do Ouro-PE, 19 de julho de 2018.

ZUIM, Valeska Alecsandra de Souza, et al. As transformações do couro no trabalho de espedito seleiro como alternativa de superação para as adversidades do sertão. **Revista Labor**, 1.11: 58-72. 2014.